

**CEAS: TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E MARXISMO**

Grimaldo Carneiro Zachariadhes\*

**Resumo:** *Este trabalho aborda o diálogo do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) com o pensamento marxista, procurando demonstrar como esta instituição da Companhia de Jesus reinterpretou o marxismo com base na sua visão cristã, contribuindo para a construção de um novo pensamento social católico no Brasil, durante a segunda metade do século XX.*

**Palavras-chave:** CEAS; Teologia da libertação; Marxismo.

**INTRODUÇÃO**

Neste trabalho abordada-se o diálogo do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), uma instituição da Companhia de Jesus, com o pensamento marxista. Procura-se demonstrar como esta instituição reinterpretou o marxismo com base na sua visão cristã, contribuindo para a construção de um novo pensamento social católico no Brasil, durante a segunda metade do século XX. Vai ser utilizada como fonte, principalmente, uma revista publicada pela instituição, os Cadernos do CEAS.

Para ficarem mais evidentes as inovações promovidas pelo *Centro Social* no pensamento social católico, torna-se necessário retrocedermos no tempo para vermos como era o relacionamento do clero com o marxismo e como a Doutrina Social Católica percebia a luta de classes durante o século XX e, assim, podermos identificar mais claramente as inovações trazidas pela Teologia da Libertação como um todo e o CEAS em particular.

**Do Anátema ao diálogo**

O Papa Pio XI (1937, pp.9-10) publicou a encíclica *Divini Redemptoris* em que afirmava que:

Depois da miserável queda de Adão (...) começou a travar-se o duro combate da virtude contra os estímulos dos vícios; e jamais cessou aquele antigo e astuto tentador de enganar a sociedade com promessas falazes. É por isso que, pelos séculos afora, as perturbações se têm sucedido umas às outras até a revolução dos nossos dias, a qual ou já surge furiosa ou pavorosamente ameaça atear-se em todo o universo e parece ultrapassar em violência e amplitude todas as perseguições que a Igreja tem padecido (...).

Vós, sem dúvida, veneráveis Irmãos, já percebestes de que perigo ameaçador falamos: é do comunismo, denominado bolchevista e ateu

Essa afirmação papal de certo modo expressa muito bem a *visão hegemônica* da Igreja Católica, como instituição, em relação ao comunismo e aos comunistas nas primeiras décadas do século XX. E essa visão predominava também aqui na Igreja do Brasil, como bem demonstram alguns clérigos brasileiros que afirmaram que os comunistas eram “degenerados”, “uma praga” e também “bárbaros modernos, armados de foice e martelo” (MAINWARING, 1989, p.49).

---

\* Mestrando, Programa de Pós-Graduação em História Social / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) / Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [grima@ufba.br](mailto:grima@ufba.br). Autor.

Em uma pastoral coletiva dos bispos da província eclesiástica da Bahia, em 1931, o episcopado avisava:

Não há dúvida: o Brasil atravessa hoje a hora talvez mais grave da sua história (...) já começam a aparecer sinais inequívocos de que a onda rubra da Rússia soviética caminha a passos agigantados para o Brasil, trazendo-lhe o cortejo de horrores sociais que todos hoje conhecemos, e que é bom experimentarmos nas lições formidáveis de outros países, para acudir à ruína do nosso (AZZI,1979,p.72).

A Igreja, preocupada com as condições de pobreza dos trabalhadores e também com a influência dos comunistas nos mesmos, começou a formular um pensamento social católico. Segundo Hugues Portelli (1990, p.11), foi “o socialismo que acelerou a tomada de consciência, por parte da Igreja, da questão social”. Mas, a Doutrina Social Católica defendida pelo clero, até a primeira metade do século XX, era assistencialista, paternalista e propunha como solução para os problemas sócio-econômicos, uma conciliação entre as classes.

Então, nesse momento histórico seria impossível um diálogo entre leigos católicos e religiosos com os marxistas<sup>1</sup>. Enquanto para os marxistas a luta de classes é um fato inerente à sociedade capitalista e seria impossível uma colaboração entre o capital e o trabalho, o papa afirmava que “a luta de classes, quando livre de inimizades e ódio mútuos, transforma-se pouco a pouco numa concorrência honesta, fundada no amor da justiça” (PIO XI, 1931, p. 63). O episcopado brasileiro defendia como *solução cristã* para os conflitos sociais “que os homens, dirigidos e dirigentes, empregados e empregadores se tratem dentro do critério de respeito, dignidade e fraternidade” (Manifesto do Episcopado Brasileiro, 1946: 483).

Porém, a partir da década de 50 e 60 ocorreram mudanças significativas na Igreja Católica, tanto em nível mundial como no Brasil. O mundo do pós-IIª guerra não condizia com aquela atitude triunfalista e unilateral da Igreja. Em uma sociedade sob o espectro da guerra-fria, o desenvolvimento tecnológico e bélico acentuado, a descolonização da Ásia e da África, o aumento da influência que os Partidos Comunistas começaram a ter nos países europeus e de outros continentes, além do impacto perturbador da Revolução Cubana (1959), a visão fechada da Igreja foi perdendo força. Foi nesse momento que foi eleito o papa João XXIII, iniciando um novo período, a Igreja começava o seu *aggiornamento*.

As encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) de João XXIII modificaram o pensamento oficial. Começou a se defender uma nova concepção da Igreja, mais em sintonia com o mundo secular, comprometida em melhorar o destino dos seres humanos na Terra e em promover a Justiça Social. Essa tendência foi ratificada com o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65), que foi o evento mais importante do catolicismo romano no século XX. Quando João XXIII faleceu, em 1963, o Papa Paulo VI continuou esse processo de atualização e de abertura da Igreja ao mundo contemporâneo.

O Concílio enfatizou a missão social da Igreja, defendeu a importância do laicato dentro da instituição, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia para torná-la mais acessível e desenvolveu a noção de Igreja como *povo de Deus*. Substituiu a idéia de Igreja como *mestra do mundo* pela de *serva do mundo*. Não é nenhum exagero quando o padre José Oscar Beozzo (1993, p.11) afirma que “João XXIII, e de modo particular o Concílio foram para a Igreja do Brasil como se águas longamente represadas se houvessem soltado, correndo livremente, abrindo e aprofundando o próprio leito”.

O papa João XXIII afirmou que:

---

<sup>1</sup> É necessário também lembrar que havia desconfiança dos comunistas frente à religião, como está claro na afirmação de L. Ilichov: “a religião propõe a moral diametralmente oposta aos princípios do Código Moral dos construtores do comunismo... Hoje, como no passado, ela destrói no homem o elemento volitivo, ativo e criador; não o faz absolutamente avançar, e sim puxa-o para trás. Ela faz dele um inerte servo de Deus, capaz somente de ajoelhar-se diante dele para rogar-lhe piedade” (Radice,1968,p. 78).

Atualmente mais do que nunca, com certeza mais do que nos séculos passados, estamos dispostos a servir ao homem enquanto tal e não apenas aos católicos. E, além disso, antes de tudo e em todo lugar, servir aos direitos da pessoa humana e não apenas aos da Igreja Católica (Ibidem, p. 98)

Essa afirmação é categórica, o Papa fala em ‘servir ao homem’ e não só aos católicos; servir aos ‘direitos da pessoa humana’ e não apenas aos da Igreja Católica. Estava aberta a porta para um diálogo mais intenso entre os setores católicos mais progressistas e os segmentos da sociedade que lutavam por uma transformação social, em especial, os comunistas. E o diálogo seria bem vindo para alguns comunistas como mostra o, então, marxista Roger Garaudy (1966, p.10), que afirmou em seu livro: “O futuro do homem não poderá ser construído nem contra os crentes, nem tampouco sem eles; o futuro do homem não poderá ser construído nem contra os comunistas, nem mesmo sem eles”.

## CEAS E O MARXISMO

O diálogo entre católicos e comunistas começou na Europa, mas foi na América Latina que se produziram as alianças mais significativas entre os comunistas e os cristãos. Foi também nessa região que se operaram as transformações mais importantes dentro do pensamento católico, principalmente na Teologia da Libertação, movimento surgido no continente latino-americano, durante a década de 70, e que fez uma nova interpretação dos Evangelhos a partir dos problemas sociais do continente. É considerada a primeira teologia histórica a nascer no terceiro mundo e por isso sempre esteve muito mais "atenada" com os problemas da população latino-americana de miséria e exploração. A Teologia da Libertação acentua a reflexão teológica com o sentido do compromisso dos cristãos com a justiça e a libertação dos povos.

Durante os anos 70, alguns países da América Latina passaram por um processo de industrialização acelerada, mas ocorreu também um aumento da dependência aos países centrais do capitalismo. A miséria e a pobreza acentuaram-se, enquanto a dívida externa aumentava. Os camponeses foram expulsos das terras que seriam utilizadas na agricultura de exportação, acarretando a *favelização* das grandes metrópoles. Além disso, vários países estavam vivendo em sangrentas ditaduras militares, com o extermínio e desaparecimento de militantes de esquerda. A repressão chegava também ao clero e movimentos católicos que lutassem por uma transformação social<sup>2</sup>. É nesse contexto que surge a Teologia da Libertação.

Essa teologia latino-americana recorreu às ciências sociais para auxiliar na análise da realidade latino-americana, e em especial, o marxismo. Os teólogos da libertação reinterpretaram o marxismo de acordo com sua visão cristã e também de sua experiência social, adaptando-o a sua realidade. Michael Löwy nos oferece uma explicação para o uso do marxismo pelos católicos progressistas para analisar a realidade latino-americana:

Essa descoberta do marxismo pelos cristãos progressistas e pela teologia da libertação não foi um processo meramente intelectual ou acadêmico. Seu ponto de partida foi um fato inevitável, uma realidade brutal e geral na América Latina: a pobreza. Para muitos fiéis preocupados com o social, o marxismo foi escolhido porque parecia ser a explicação mais sistemática, coerente e global das causas para essa pobreza, e a única proposta suficientemente radical para aboli-la (LÖWY, 2000, p.123).

---

<sup>2</sup> Os movimentos católicos de esquerda mais significativos no Brasil foram os da Ação Católica Brasileira, em especial, a JUC – Juventude Universitária Católica, que muito influenciou os teólogos da libertação.

Os teólogos da libertação fizeram uma *opção pelos pobres*. Mas, o que importa saber é como foi essa opção? A relação com as classes populares não deve passar pela caridade, pela doação de esmolas para as camadas mais carentes da população, como certos setores da Igreja Católica (e de outras igrejas) fazem. Eles rompem com essa atitude assistencialista e lutam para que os chamados pobres ou excluídos não necessitem de esmolas ou caridade (e para isso é necessário transformar o sistema) e lembram que as classes populares são as construtoras de sua própria libertação. Não se prega uma assistência paternalista, e sim, uma atitude de união com a luta dos pobres pela sua auto-emancipação.

Esse diálogo entre o catolicismo e o marxismo esteve presente também nos Cadernos do CEAS, revista do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), uma instituição dos Jesuítas fundada pela, então, Vice-província da Bahia, em 1967, em pleno Regime Militar<sup>3</sup>. Apesar de ter sido fundada pela Companhia de Jesus, esta instituição não tem um caráter confessional, abrigando vários leigos (crentes ou não), todos movidos na luta pela emancipação humana. Como principal representante da Teologia da Libertação na Bahia, o CEAS acabou se destacando na luta pelos direitos humanos durante a ditadura militar.

A partir de março de 1969, o CEAS começou a publicar uma revista, que ficou conhecida como os Cadernos do CEAS, para ser um instrumento de reflexão, de interpretação das mudanças por que passavam o Brasil e, principalmente, o Nordeste naquele momento histórico; além é claro, de ser um ponto de reação ao Regime Militar. Nos seus *Cadernos*, o CEAS construiu um pensamento social católico que influenciou vários setores da esquerda católica brasileira, como mostra D. Moacyr Grechi, que afirmou que sua *conversão* aos oprimidos, entre outros fatores, se deu graças ao estudo de livros e artigos especializados e dá como exemplo os Cadernos do CEAS, que permitira a ele “ver as coisas numa dimensão que os simples fatos não permitem ver” (SALEM, p.124).

Um dos textos publicado nos cadernos do CEAS que causou grande repercussão na Bahia, estava no seu número 37, intitulado *Que faria S. Tomás de Aquino, o comentador de Aristóteles, diante de Karl Marx?* Era a transcrição de uma palestra realizada na Universidade de Chicago, no dia 29 de outubro de 1974, pelo arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, para a comemoração do 7º centenário da morte de São Tomás de Aquino. O sacerdote nesse texto fazia um desafio para a universidade americana: que fizesse com o pensador Karl Marx o que São Tomás tinha feito com Aristóteles, ou seja, reinterpretasse-o, retirando dele aquilo que era positivo. E aos que poderiam se negar a fazê-lo, alegando que Marx era “materialista, ateuista militante, agitador, subversivo, anticristão” ele lembrava que quando um homem:

Empolga milhões de criaturas humanas, sobretudo de jovens; quando um homem inspira a vida e a morte de grande parte da humanidade, e faz poderosos da terra tremer de ódio e de medo, este homem merece que o estudemos, como certamente o estudaria quem enfrentou Aristóteles e dele soube destacar tudo o que havia de certo (CÂMARA, 1975, p.53)

No caderno do CEAS foi transcrito o texto do jesuíta Oswald Von Nell Breuning (1970, p.9), *Igreja católica e crítica marxiana do capitalismo*, que afirmava ter Marx tornado os cristãos mais conscientes de que “as estruturas sociais concretas não devem ser aceitas assim como se apresentam, como se fossem estruturas naturais; estas não são (...) categorias ‘eternas’, elas, muito mais do que um ‘dado’, são um problema”. A pobreza não é uma fatalidade divina, e sim, resultado de um sistema perverso e o marxismo ajudou aos católicos progressistas a

---

<sup>3</sup> Como a Igreja em geral, a Companhia de Jesus em toda a América Latina passou por transformações em sua atitude em relação com a realidade latino-americana. A partir da década de 60, começou a incentivar a criação de *Centros de Estudos* pelo continente. Alguns Jesuítas que trabalhavam principalmente em movimentos da Ação Católica decidiram reunir-se periodicamente para uma reflexão comum e é desse grupo, com o apoio de outros religiosos, que nasceu o CEAS.

perceberem os problemas estruturais da sociedade capitalista, e tornou-os mais cientes de que a realidade social não é inexorável, é histórica; assim sendo, pode ser transformada.

Friedrich Engels, no seu clássico *Contribuição para a história do cristianismo primitivo*, afirma que entre o cristianismo primitivo e o movimento operário da época dele havia em comum que ambos pregavam a libertação, mas “o cristianismo transpõe essa libertação para o Além, numa vida depois da morte, no céu” (1972:353). Porém, isso não era válido mais nem para o pensamento defendido pelo CEAS, nem para alguns bispos e superiores de ordens religiosas do nordeste que lançaram um manifesto afirmando que: “A salvação não se configura, portanto, como realidade fora do mundo, a ser alcançada apenas na trans-história, na vida de além-túmulo (...) Ela começa a efetuar-se aqui” (Eu ouvi os clamores do meu povo, 1973, pp.57). Evidentemente que eles não negam a importância da salvação espiritual, o que eles defendem é que a luta pela salvação tem que começar em vida e na vida.

Talvez a grande influência do marxismo no CEAS, bem como na Teologia da Libertação como um todo, tenha sido a incorporação da luta de classes no pensamento social católico. A realidade brasileira é vista agora como “dividida em classes com interesses contraditórios” e se nega qualquer possibilidade de união entre capital e trabalho, de conciliação de classes; e se prega uma atitude firme já que “não existe uma opção de meio termo: a opção ou é radicalmente pelo oprimido ou é radicalmente pelo opressor” (CEAS, Uma reflexão metodológica, 1971, pp.4-5). Isso fica bem claro também nos escritos do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez (1979, p.229): “Negar o fato da luta de classes é, na realidade, tomar partido em favor dos setores dominantes. Impossível a neutralidade nesta matéria. O problema não é admitir ou negar um fato que se impõe a nós, mas saber de que lado se está”. E avisava:

Reconhecer a existência da luta de classes não depende de nossas opções éticas ou religiosas. Há os que tentam considerá-la algo artificial, estranho às normas que regem nossa sociedade (...) A luta de classes não é produto de mentes fabricantes senão para quem não conhece ou não quer conhecer o que produz o sistema (...).

Aquele que fala de luta de classes não a propugna (...) o que faz é provar um fato, e no máximo contribuir para que dele se tome consciência” (Ibidem, p. 228).

A realidade social não é um desígnio de um Deus implacável, que não se comove com o sofrimento humano. É gerada por causa de um sistema, baseado na exploração do homem pelo homem e no lucro que é fundamentado nas relações capitalistas de propriedade e produção. Essa sociedade classista não é uma realidade inexorável, muito pelo contrário, é histórica. E todos os cristãos têm que se unir para superá-la, pois como escreveu Rafael Belda (1979, p.63) no texto *marxismo, cristianismo e luta de classes*: “o projeto de uma sociedade sem classes concorda com a inspiração fundamental do Evangelho, que é a construção de uma sociedade humana, baseada na comum fraternidade divina”.

Os teólogos da libertação não procuram esconder a realidade, mas desnudá-la; não pretendem defender uma ordem, mas construir outra baseada na superação da dominação de classes. Para os setores católicos de esquerda, a religião tem que ser um motor de libertação do homem em sua emancipação, redescobrimo o seu caráter profético; e assim deixar de ser o *ópio do povo* como tinha se comportado no passado, como nos lembra D. Helder Câmara (1975, p.56).

Se é tristemente verdade que, no passado, a Religião se apresentou e não raro ainda hoje, se apresenta como força alienada e alienante (...) grupos que longe de aceitar a religião como alienação, buscam a viver e fazer viver a religião como força de libertação para os oprimidos e como pressão moral libertadora

Evidentemente que uma crítica feita aos marxistas e ao próprio pensamento marxiano é com relação à religião. Para Otto Maduro (1983:68-69), Marx foi precipitado ao rejeitar qualquer possibilidade de contribuição da religião na luta dos oprimidos, “Eu acho que está na hora de rejeitar esse desprezo simplista de Marx e recolocar (contra Marx) a importância e o valor do religioso numa perspectiva socialista”. Eduard Huber (1985:83) vai mais longe e afirma que apesar de Marx querer a libertação do homem, ele faz dessa libertação um *fetichismo*, pois, “somente a fé em Deus (...) é a garantia da luta contra toda a dominação do homem, contra toda exploração do homem pelo homem, contra qualquer tipo de fetichismo”.

## CONCLUSÃO

Apesar dos conflitos entre o catolicismo e o marxismo, setores católicos dialogaram com o pensamento marxista. O Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), uma instituição dos jesuítas fundada na Bahia, reinterpretou o marxismo de acordo com sua tradição cristã, e assim, construiu um novo pensamento social que influenciou vários setores da esquerda católica brasileira. O pensamento marxista ajudou aos católicos a perceberem a luta de classes na sociedade capitalista, assim sendo, ao invés de se ter uma atitude assistencialista com as classes populares, luta-se pela transformação social.

Em uma carta da época da fundação da Vice-Província da Bahia, em 1952, à qual o CEAS está submetido, o padre provincial de Vêneto-Milanesa enviou vários sacerdotes italianos para a Bahia (muitos vieram trabalhar no CEAS desde sua fundação), e alertou para eles que procurassem atender aos “fiéis carentes da devida defesa contra as insídias do protestantismo, do comunismo, do liberalismo” (De Cueto, 2002:19). E por essas “ironias” da história foi logo nessa Vice-Província que padres e leigos utilizaram o marxismo para propor uma solução para a insídia da miséria.

## REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. “O fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940)”. **Revista Síntese**, 17: 69-85. Ed. Loyola, Setembro/Dezembro, 1979.

BELDA, Rafael. “Marxismo, cristianismo e luta de classes”. **Cadernos do CEAS**, 64: 60 - 64. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, novembro-dezembro, 1979.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de JOÃO XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CÂMARA, Helder. “Que faria S. Tomás de Aquino, o comentador de Aristóteles, diante de Karl Marx?”. **Cadernos do CEAS**, 37: 52 -59. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, maio – junho, 1975.

CEAS, “O CEAS em 10 minutos”. **Cadernos do CEAS**, 193: 61-62. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, janeiro - fevereiro, 1993.

CEAS, “Uma reflexão metodológica”. **Cadernos do CEAS**, 12: 1-5. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, julho, 1971.

DE CUETO, José Manuel Ruiz y Sánchez. **Raízes de uma Missão: dados para uma história da província da Bahia da Companhia de Jesus**. Salvador, 2002.

ENGELS, Friedrich. “Contribuição para a história do cristianismo primitivo”. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sobre a Religião**. Edições 70, Lisboa, 1972

“Eu ouvi os clamores do meu povo”. **Cadernos do CEAS**, 27: 38-60. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, outubro, 1973.

GARAUDY, Roger. **Do Anátema ao Diálogo**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1966.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação - Perspectivas**. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 1979.

HUBER, Eduard. “A libertação do homem segundo Marx”. **Cadernos do CEAS**, 100: 74-83. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, novembro-dezembro, 1985.

LÖWY, Michael. **A Guerra dos Deuses. Religião e Política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

MADURO, Otto. “Karl Marx a cem anos de distância”. **Cadernos do CEAS**, 86: 66 -70. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, julho - agosto, 1983.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-85)**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

“Manifesto do Episcopado Brasileiro sobre a Ação Social”. **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 6. Fascículo 2 :479-484. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Junho 1946.

NELL - BREUNING, Oswald Von. “Igreja Católica e crítica marxiana do capitalismo”. **Cadernos do CEAS**, 7: 1 -11. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, junho, 1970.

PIO XI. **Quadragesimo anno**. Edições Paulinas. (15/05/1931).

\_\_\_\_\_. **Divini Redemptoris**. Edições Paulinas. (19/03/1937).

PORTELLI, Hugues. **Os socialismos no discurso social católico**. Edições Paulinas, São Paulo, 1990.

RADICE, Lucio Lombardo. “Um marxista diante de fatos novos no pensamento e na consciência religiosa”. GOZZINI, Mario (org). **Diálogo posto à prova**. Debate entre católicos e comunistas italianos. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1968.

SALEM, Helena. **A Igreja dos oprimidos**. São Paulo, Editora Brasil Debates, 1981.